

Augusto Boal e Caetano Veloso, enquanto figuras emblemáticas do cenário cultural brasileiro pós-golpe de 64, são frequentemente apresentados na fortuna crítica referente à época como antagônicos. Sob esse prisma, de resistência à ditadura militar, a oposição entre Boal, engajado em teatro propondo a revolução social, e Caetano, interessado em propor uma revolução estética e de costumes, de fato se justifica; porém, existe ainda a possibilidade de analisar ambos os artistas sob uma ótica diversa: a da frustração em relação à promessa nacional-desenvolvimentista de um Brasil forte, moderno e soberano. As versões apresentadas pelos artistas acerca da montagem do espetáculo “Arena canta Bahia”, dirigido por Augusto Boal e com a participação de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Tomzé, entre outros artistas, são sintomáticas para a análise dessa relação, devido às polêmicas geradas entre os artistas e ao caráter duplo da peça, que trabalha um tema ligado à desilusão com as promessas de integração social (a imigração mal-sucedida do nordeste para o sudeste do país) de uma forma contestadora em relação ao regime militar em vigência. Partindo da análise das memórias de ambos os artistas (com base nos livros “Verdade Tropical”, de Caetano Veloso, publicado em 1997, e “Hamlet e o filho do padeiro”, de Augusto Boal, publicado em 2000), de sites oficiais, de produções acadêmicas anteriores e da fortuna crítica referente à produção cultural do período, a presente pesquisa procura estabelecer pontos de aproximação e afastamento entre Boal e Caetano, contribuindo com um recorte para a (re)visão do panorama cultural das décadas de 60 e 70 e resgatando bibliografia pouco trabalhada da época.